

Terra Brasilis

Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

2 | 2000

Geografia e Pensamento Social Brasileiro

A "Geografia Social" de Sílvio Romero

Alexandrina Luz Conceição



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/301>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.301

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2000

ISSN: 1519-1265

Referência eletrónica

Alexandrina Luz Conceição, « A "Geografia Social" de Sílvio Romero », *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2000, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/301> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.301

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A "Geografia Social" de Sílvia Romero

Alexandrina Luz Conceição

Introduzindo uma discussão

- 1 No início do século XX trava-se intensa polémica entre geógrafos e sociólogos para a delimitação de seus campos disciplinares. Na opinião de Lucien FEBVRE (1925), a ambição dos morfólogos sociais em constituir sua ciência reforçava a crítica aos geógrafos, acusando-os de serem ambiciosos, exclusivistas no objetivo proposto de estudar todas as influências exercidas sobre a vida social, objetivo que, para estes, excederiam as forças de uma só ciência. Na análise do autor, isto teria ocorrido em virtude da visão incorreta da geografia. O interesse institucional de Durkheim na defesa do campo da sociologia, desde 1887 ao criar uma morfologia social, tenderia a considerar a geografia a história e a etnografia como disciplinas de caráter auxiliar à sociologia, devendo a geografia limitar-se ao estudo das adaptações dos grupos humanos às condições no meio ambiente (FEBVRE, 1925).
- 2 Embora os geógrafos estivessem de acordo em relação à definição dos seus papéis, o que estava em jogo era a própria sobrevivência da geografia. "... la morfología social no puede pretender la supresión de la geografía humana en su beneficio, porque las dos disciplinas no poseen ni el mismo método, ni la misma tendencia y el mismo objeto" (FEBVRE, 1925:47). Diferentemente do sociólogo, o geógrafo parte do solo e não da sociedade, a morfologia social estuda o solo apenas como um dos elementos explicativos da vida e dos destinos das sociedades, não o privilegia como fazem os geógrafos (RATZEL, 1990).
- 3 A proximidade da geografia com as ciências sociais deve também ser estudada, conforme Horacio Capel (1981)¹ no processo de suas institucionalizações. A criação de cátedras de geografia constituiu-se uma ameaça aos outros cientistas universitários. A resistência dos geógrafos diante destes debates deve-se mais a razões pedagógicas e ideológicas, do que a razões estritamente científicas (CAPEL, 1981:123).

- 4 A proximidade em relação aos campos das ciências sociais tem o seu marco após 1870 com o determinismo biológico. As idéias de Charles Darwin e Claude Bernard se impõem lentamente à geografia (BROC, 1974). Esta proximidade resultará em uma grande identidade entre a geografia e a etnologia², na utilização das monografias, trabalhos de campo, classificação e na ênfase ao método comparativo.
- 5 A sociedade passa a ser compreendida como um todo constituído de partes vivas em analogia ao sistema de movimentos vitais. Na concepção spenceriana, as partes da sociedade são unidas por uma relação de dependência com o corpo vivo - as conexões funcionais com as concepções teleológicas dos processos sociais. Os conceitos biológicos de organização (o organicismo) passam a ser a explicação dos fenômenos sociais e toda a terra foi considerada como um organismo, - ser vivo. O novo organicismo foi alimentado pela filosofia da natureza da época romântica. Ao mesmo tempo, a categoria raça passa a ser o definidor de civilização e conceito fundamental para os estudos das ciências sociais. Nação e raça passam, muitas vezes, a ser encaradas como sinônimos.

Em defesa da raça

- 6 Renato Ortiz (1985); Lúcia Lippi Oliveira (1990) ; Thomas E. Skidmore (1976); Lilia M. Schwarcz (1995), entre outros, delegam aos escritos de Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha a responsabilidade da defesa das teorias raciais e ambientais no Brasil. Meio e raça são apresentados como parâmetros no quadro interpretativo da realidade brasileira.
- 7 Embora reforçemos o seu simetrismo e sincretismo³, como afirmam Ramos (1995) e Ortiz (1985), havia uma preocupação em Sílvio Romero, ao assumir o método crítico, em pensar a sua realidade a partir de dados reais, em encontrar uma teoria da sociedade brasileira como fundamento da ação política e social, no ideário da construção mitológica, deste "obscuro objeto de desejo e de rejeição chamado nação."⁴
- 8 "O pensamento crítico de Sílvio Romero se apresenta como parte duma interpretação social e como arma de interferência na vida e na cultura. Só o podemos avaliar, pois, se levarmos em conta a sua relação com o momento em que viçou".(CANDIDO, 1988:15).
- 9 As idéias de H. Taine, E. Renan, A. de Prévile, Max Müller, H. Spencer, A. Comte, Gobineau entre outros autores em que se apoia⁵, aproximavam-se do ideário do individualismo liberal, que privilegia as idéias de liberdade e progresso. Progresso como necessidade, baseado na valorização da liberdade individual. O desvario do progressismo e do individualismo que o Ocidente impunha ao mundo se expressava no desejo de autenticidade. As idéias tidas como mais adiantadas do planeta, eram adotadas com orgulho, de forma ornamental, como prova de modernidade e de distinção. "...As ideologias do progresso do liberalismo da razão, eram forma de traz à cena a modernização que acompanha o capital" (SCHWARZ: 1992: 23).
- 10 Refiro-me sobremodo ao Sílvio Romero do período novecentista, que assumirá, até a sua morte em 1914, a adesão à escola de Frédéric Le Play, decepcionado com os caminhos assumidos pela República, ante o pesadelo em que se transformara seu sonho da positividade de transformação.

"Reformas sobre reformas de varios abusos e achaques politicos foram tentadas e levadas a effeito em quasi todas as ordens dos serviços publicos, ensino eleições, magistratura, regimen judiciario. O resultado negativo de todas ellas, como copias

servis de instituições estrangeiras metidas no reactivo dissolvente do caracter brasileiro, não se fazia muito esperar e cada vez mais se avolumava a descrença nacional.

Ninguém compreendia como era que um dos povos mais eminentes, mais cheios de altas qualidades, de prestimosos predicados, segundo a crença geral ainda hoje muito corrente; de posse, além disso, do paiz mais rico e mais fértil de todo o planeta, consoante ainda a crença geral, andava mergulhado em tamanha pobreza, em tal atraso que até o mais ossificado optimismo não ousava contestar..." (Sílvia ROMERO, 1908: 111).

- 11 Até a República, todas as mazelas tinham como causa os atos imperiais. Desfeito este obstáculo, a República não consegue atingir os objetivos sonhados, a "coesão, a unidade, a estabilidade constitucional do país, a íntima organização da nação eram, em grande parte, puramente ilusórias." Na análise de Jeffrey D. Needell (1993), após a abdicação e, principalmente, com o governo Campos Salles (1892-1902), havia nestes combatentes e marginais das instituições básicas da Monarquia, entre os quais Sílvia Romero, um desapontamento, uma sensação de fracasso.

"... a Republica é agora e por enquanto, a ultima desilusão do pobre povo brasileiro. Sua constituição espuria, copiada da constituição dos Estados-Unidos ... sua loucura financeira ... suas revoltas ... seus cambios ...sua bancarrota ... seus pesadissimos impostos o despotismo das olygarchias estadoaes ... as roubaheiras ... todas estas chagas visiveis a olhos nús, que andam a afeiar o corpo da Republica, levantaram um tão formidavel côro de imprecações (...).

(...) A reforma da Constituição pôde e deve ser feita no sentido especial de precaver a unidade do paiz e tornar possível a serie de medidas sociaes, capazes de trazer não a cura de todos os nossos males, porque varios de elles são incuraveis; sim a extirpação de alguns e a melhora da maior parte.

Eis a tarefa a tentar, o caso a resolver ...". (ROMERO, 1908: 115).

- 12 No processo de desilusão, e por acreditar que "o caso" não se resolveria no plano das idéias políticas, tem a certeza de que a questão é orgânica, étnica, de psicologia popular, questão essencialmente da estrutura social do povo, de sua "formação social".
- 13 Mas como pensar o Brasil sem perder de vista o sentido do progresso no viés do capitalismo? Desviando-se do sentido das contradições formadoras do capital, do processo de subjugação do trabalho, seu ato de fé repousará nas idéias francesas, afastando-se dos caminhos do germanismo do mestre Tobias Barreto e contraditoriamente, aproximando-se do "francesismo", do círculo de afinidades de Levasseur⁶, por meio do "método" de Le Play, embora permanecendo sob o signo do evolucionismo.

A raiz de um pensamento

- 14 O momento revolucionário na França, com o aceno da perspectiva da ocupação do poder pela classe trabalhadora, desencadeia uma série de conflitos sociais e políticos e diferentes ideologias. O domínio das idéias, fortalecidas no espírito positivo que emerge do pensamento de Auguste Comte, representa o fortalecimento do discurso da parcela conservadora da burguesia. O ideário positivista casava-se ao ideário capitalista na sua própria metáfora de ordenação.
- 15 A ótica do espírito positivo incorpora-se na modernidade. O princípio do progresso que não comporta saltos, flui linearmente em um contínuo onde "... todos os acontecimentos reais, compreendendo os de nossa própria existência individual e coletiva, estão sempre

sujeitos a relações naturais de sucessão e de similitude essencialmente independentes de nossa intervenção" (COMTE: 1983: 110).

- 16 Na concepção de Vincent Berdoulay (1981), o movimento colonialista e o nacionalismo do final do século XIX proporcionam um melhor investimento e conhecimento do mundo e do território nacional, favorecendo a pesquisa geográfica e, sobretudo, o desenvolvimento dos estudos regionais. As visões de mundo que contribuíram para as pesquisas geográficas longe de serem monolíticas apresentavam divergências ideológicas, o que explica a formação de diferentes círculos de afinidades, e conseqüentemente a divisão dos geógrafos nos diferentes círculos.
- 17 As Sociedades Geográficas, através de suas sessões e boletins terão grande papel nas discussões, constituindo-se durante um bom tempo as únicas instituições de informação, de apresentação e debates, de formação de um grupo de pesquisadores, tornando-se assim, tribunas para os geógrafos não universitários. As presenças de Jules Duval, Emile Levasseur e Elisée Reclus tornar-se-iam importantes referências para a divulgação do pensamento geográfico francês nos anos posteriores.
- 18 Entre os círculos de afinidades destaca-se o de Levasseur reconhecido no mundo científico por seus trabalhos na geografia, e sobretudo por ter dado um estatuto de cientificidade a esta disciplina. Por meio de suas diversas atividades, congrega no seu círculo vários tipos de pesquisadores, de diferentes tendências, principalmente os de fora do sistema universitário. Embora seu envolvimento em pesquisa na área da economia estatística e financeira o aproximasse dos economistas do pensamento liberal da escola de Adam Smith, (fundamentava a sua crença na liberdade do trabalho na liberdade de mercado e na existência das leis econômicas), difere deste com uma versão da economia política "moins abstraite, moins déductive et plus évolutionniste dans sa méthode" e, ademais, rejeita o método matemático e aproxima-se do método indutivo (BERDOULAY, 1981).
- 19 O círculo de afinidades de Levasseur não era homogêneo, mas composto de diversas tendências. Dos discípulos de Le Play⁷, Berdoulay privilegia o círculo da Science Sociale, composto por um grupo restrito em torno de Demolins⁸, Tourville e Rousiers. O método definido pelos membros do grupo será resultado do aperfeiçoamento do método de Le Play⁹ por Henri Tourville, através do detalhamento da nomenclatura, tendo a relação milieu/travail/famille como definidora na orientação da pesquisa, a qual representava a base original da sua Geografia Social. As idéias de Le Play exercerão fortes influências no pensamento geográfico.

Uma "Geografia Social" para o Brasil feita de pedaços da França

- 20 Sob o ponto de vista de Lia Osório Machado (1999), pode-se estabelecer distintamente duas concepções da Geografia Social, uma via Le Play, com ênfase no ambientalismo e a outra via o anarquismo. A primeira enfatiza o desenvolvimento social-moral do indivíduo/família/país, e está enquadrada no conglomerado ideológico de A. Comte (1830-46); H. Buckle (1875); Quatrefages (1877); C. Darwin (1859) e H. Taine. Seus principais representantes na França foram: Le Play (1879) e E. Demolins (1901; 1903) e, no Brasil, Sílvia Romero inspirado nas obras de Hippolyte Taine e Henry Buckle.
- 21 Sílvia Romero lança o livro O Brasil Social na perspectiva de pensar a nação brasileira, o caráter nacional; sua preocupação consiste em definir a "geografia do Brasil" no sentido

de encontrar caminhos de construção de mudanças. Acredita o autor que os males do país explicam-se, antes de tudo, pela forma "... como se escreve no Brasil a respeito de cousas da terra, é de tratar o país e a sua gente como se isto aqui fôsse feito de pedaços da Alemanha, da Inglaterra, da Suíça, da França, no que elas contam de mais culto, de mais progressivo, de mais adiantado" (ROMERO, 1910: 195). Enfatiza a ausência de um "espírito" de luta do povo brasileiro, sua passividade frente às condições de miséria, em um país onde, contraditoriamente, se proclamam tantas e tamanhas grandezas. Para Sílvio Romero, esta atitude de indiferença pode ser explicada através das reflexões advindas da utilização do método de observação dos fenômenos sociais da Escola de Le Play.¹⁰

- 22 Conforme ORTIZ (1985), houve uma defasagem entre o tempo de maturação das idéias no Brasil em relação às teorias raciais elaboradas na Europa, do seu vínculo com a evolução social ao momento de sua vulgarização. Enquanto na França, nos finais do século XIX, já se apresentavam críticas da assimilação da raça às nacionalidades, -limitando sua compreensão ao reino da zoologia, observando-se também a influência da concepção durkheimiana de sociedade em contraposição ao estudo da problemática das raças ou do meio -, para os intelectuais brasileiros,¹¹ influenciados por Gobineau (Essais sur les Inégalités des Races Humaines) e Agassiz, tais teorias são consideradas ponto de referência de toda e qualquer discussão.
- 23 Observamos nos escritos de Sílvio Romero no início do século XX que embora assuma o método de Le Play, discorda do seu conceito de raça desta escola¹². Segundo Sílvio Romero, "talvez por ilusão francesa," a escola de Le Play confunde os sentidos antropológico e sociológico do conceito de raça. Conforme o autor, embora a base dos estudos de Taine e Renan repousasse n conceito antropológico da raça, estes terminaram por reduzi-lo em proveito do fato histórico. Na sua reflexão, o estudo das raças é um fenômeno meramente antropológico, se tem uma visão mecânica. Por outro lado, ao admiti-la como apenas um produto da história civil, um fato sociológico, coloca-se o processo histórico ao "sabor" da vontade humana, dos "nossos desejos e ideais". Para Sílvio Romero não se pode negar o valor da história na formação das raças, contudo, embora a ação da história tenha "destruído e misturado o povo" nos últimos dez ou doze mil anos, "não consegui apagar as inconcussas verdade da antropologia e da etnografia, [...] a questão etnográfica é a base fundamental de tôda a história, de tôda a política, de toda a estrutura social, de tôda a vida estética e moral das nações" (ROMERO, 1960: 198 e 196).
- 24 Na opinião de Renato Ortiz (1985) Sílvio Romero optou por Le Play por achar que sua teoria, comparada às interpretações de Buckle, conta com "uma maior argumentação científica mais sofisticada da ação do meio geográfico sobre os homens". Não houve uma análise crítica da aplicação dos estudos de Le Play à realidade brasileira, e a aceitação do conceito de raça de Le Play na perspectiva histórica colocava um problema sério, pois a teoria praticamente contradizia a maioria dos diagnósticos a respeito da sociedade brasileira.
- 25 Acreditamos que, na realidade, ao "ajustar" os estudos de Le Play à sua análise sobre o Brasil, Sílvio Romero não se afasta dasua concepção spenceriana, mas sobretudo, a reforça, como ele mesmo afirma: "os processos da escola de Le Play fizeram-me penetrar mais fundo na trama interna das formações sociais e completar as observações exteriores do ensino spenceriano" (ROMERO, 1960: 189)

- 26 Defende Sílvio Romero a necessidade de estudo etnológico, antropológico, identificando as diferenças étnicas entre as nações. Contrapõe-se ao método direto de colonização (de aniquilamento) e defende o método indireto, de cruzamento, além de discordar da classificação dos fenômenos sociais, por lhe parecer mais uma nomenclatura de problemas e questões (ROMERO, 1910). Na sua forma de pensar:
- "A enumeração ou classificação dos problemas sociais deve partir dos fatos mais íntimos e indispensáveis à vida, sem os quais nem a própria subsistência da gente a estudar seria possível", tais como: - meios de existência, lugar, trabalho, propriedade, bens móveis, salário, economias ou poupanças" (ROMERO, 1908).
- 27 Segundo S. Romero, são três os fatores fundamentais para a análise: meio - terra - população; ou seja: a variedade dos meios e das raças / a troca das idéias/ solidariedade geral - a lei da persistência e da equipolência das forças espirituais entre os povos e o intercâmbio dos produtos das idéias e do afeto.
- 28 Apoiado no método de Edmond Demolins¹³ e Henri de Tourville, propõe estudar o Brasil em inúmeras monografias, sob múltiplos aspectos, identificando cada um dos povos que entraram na formação da nação, e dividindo o país em zonas sociais¹⁴. Na sua proposição, deve-se realizar uma análise detalhada de cada zona; identificando todas as classes da população, os ramos da indústria, os elementos da educação, suas tendências especiais, costumes, modos de vida das famílias em suas diversas categorias, condições de vizinhança, de patronagem, de grupos, de partidos, a vida das povoações, vilas e cidades, condições do operariado, recursos dos patrões e todos outros problemas que possam ser detectados, que envolvem o estado social dos fatores que constituem as gentes brasileiras, ou seja, seus antecedentes históricos.
- 29 Ao ajustar a proposta de Le Play e Henri Tourville à realidade brasileira, dá destaque ao estudo da família¹⁵ fundamentado na escola da Science Sociale¹⁶, especialmente nos trabalhos de Le Play. Conforme depoimento escrito no seu ensaio Brasil Social, para se compreender as sociedades é preciso estudar a família pois ela é a base de tudo na sociedade humana, "uma sociedade vale pelo que vale nela a família" (ROMERO: 1960:191). O destino da família está relacionado à propriedade; a propriedade atua diretamente sobre as instituições sociais, principalmente sobre a família; o solo atua sobre os homens e o influencia moral e fisicamente. As zonas geográficas se subdividem em zonas sociais, conforme a origem da natureza do trabalho (trabalho como base social). Conforme suas palavras: A maior parte da população trabalha para alimentar uma pequena parte "Um terço, senão menos, trabalha mal para alimentar os outros dois terços" (ROMERO, 1910:203).
- 30 Sua crítica à exploração do trabalho deve ser analisada no contexto em que se processa o quadro econômico, social e institucional no país, após a instalação da República¹⁷. A privatização significava crescimento econômico, pelo aproveitamento da mão de obra livre contra a política clientelista promovida pelo Estado ao transferir recursos para o sustento da máquina administrativa.
- 31 Acompanhando a mesma trajetória de Le Play, apresenta 4 gêneros de famílias (conforme particularidades étnicas e históricas):
1. Família patriarcal
 2. Família quase-patriarcal
 3. Família tronco (souche) (recomenda Le Play este tipo de família para a França, por estar de mais acordo com o desenvolvimento social e físico do país).

4. Família instável

- 32 Na família patriarcal, há um equilíbrio entre o tamanho da propriedade e tamanho da família (baixa densidade demográfica), não havendo necessidade da divisão da propriedade. O equilíbrio se rompe quando o número dos casais, reunidos no mesmo sítio, fica fora de proporção com a produtividade das terras, ou das oficinas de trabalho. Quando o equilíbrio entre as subsistências que estas produzem e a população que nelas reside é roto, é preciso que algumas famílias se destaquem - a transmissão é integral coletiva.
- 33 Na família quase-patriarcal, a transmissão individual substitui a integral coletiva. A transmissão integral da oficina de trabalho é só para um filho. Os que não herdaram recebem suas cotas em dinheiro, mas não se afastam diretamente da comunidade. Criados para viver nela, mesmos afastados continuam a depender da comunidade.
- 34 Na família-tronco (*souche*), a sociedade é de formação particularista, funda-se na educação individualista. Embora haja ainda a transmissão hereditária, na maioria das vezes os filhos optam pelo trabalho em detrimento da família, com o objetivo de aumentar suas riquezas. Neste tipo de família permite-se o abandono em prol do trabalho.
- 35 Já na família instável o retalhamento da propriedade, ou a má legislação, torna impossível a transmissão integral. O retalhamento favorece a falta de espírito familiar.
- 36 Em suas reflexões, estes quatro gêneros de famílias dão origem às sociedades de formação comunitária e as de formação particularista. A primeira apoia-se na coletividade e a segunda na iniciativa privada, substituindo a idéia da solidariedade comunal (formação comunitária) pelo sentimento particularista, apoiado no indivíduo, na iniciativa, na atividade e no esforço privado. Enquanto as primeiras predominam no Oriente, as segundas, no norte ocidental da Europa e na América do Norte, sendo a espécie mais completa a raça anglo-saxônica; para Sílvio Romero, esta seria a mais completa formação social.
- 37 Romero defende (via Demolins) a superioridade do inglês, da sua formação intelectual; a escola é concebida como meio real, prático, que coloca o menino o mais perto possível da sua realidade, despertando-lhe o interesse pelas coisas práticas. Apoiado nestas idéias, acreditava que o ensino no Brasil deveria estar relacionado com a realidade brasileira. Para Sílvio Romero, era preciso reformar as escolas no Brasil, que mais pareciam caserna, hospício, quartel ou hospital, enquanto as escolas inglesas estavam situadas no campo. Os políticos no Brasil vêem o ensino como "um organismo de partido e um instrumento de combate como tudo mais."
- "Incapazes de sondar as causas gerais e eficientes de nossas misérias, fazem do caso do ensino bode expiatório das mazelas do presente..." ...a questão é de educação e não de instrução, "reformular a educação dos discípulos, e, com estes, os pais, e, com estes, a família, e, com esta, o carácter do povo" (ROMERO, 1908: 92-3).
- 38 Na sua concepção, por razão de herança étnica e de cultura, o povo brasileiro adotaria a formação comunitária, que representa o "mandonismo, oligarquismo, clientelismo", sendo porém, como observa, a formação social particularista empresarial, a única forma da derrubada da oligarquia.
- 39 Em carta a M. Edmund Demolins (ROMERO, 1910), datada de maio de 1906, relata-lhe seu ponto de vista sobre o que denomina o "retrato social dos brasileiros." Conforme sua análise, no período colonial dominava a família patriarcal desorganizada, passando no início do século XX, com a extinção da escravidão e inexistência de colonização geral

sistematizada, nacional e estrangeira, para a família completamente instável devido ao parcelamento da herança e domínios e a desorganização crescente do trabalho. Acredita que o desconhecimento completo da agricultura, pelo trabalho forçado, desde o início da colonização portuguesa e a emancipação rápida dos escravos, desorganizaram o trabalho. Desta forma perde-se a base comunária sem ter possibilidade de sua mudança para a formação particularista, mudança esta só possível pela assimilação das raças particularistas, ou por um sistema severíssimo de educação preconizado por Demolins em seu livro *La Nouvelle Éducation*.

- 40 Reafirma sua crítica à centralização da política local, e à política clientelista. Na sua observação, o Estado mantém a malha do funcionalismo em empregos diretos, ou pensões gratificações, de propinas, quase exclusivamente à custa dos que trabalham. "É á cata do chefe para o arrimo, á cata do emprego publico, do arranjo politico sob qualquer fórma." Fundamentado nesta análise, apresenta a seguinte divisão social do Brasil:

Zonas Sociais do Brasil
 Planalto da Guyana
 Região das terras baixas
 As terras marginais do norte e sul do Amazonas
 Zona das matas da região ocidental
 Planalto Central - Norte
 Planalto do Interior
 Região dos vales dos rios Paraguai e Guaporé
 Região entre os rios Gurupi e o Parnaíba (Estado do Maranhão e terras próximas)
 Sertões do norte (Os Cariris)
 Terras da costa marítima
 Região da Costa do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul
 Terras do território das Missões
 Campos, pampas e cochilas.

- 41 Além desta classificação, em carta para Arthur Orlando (1911) ¹⁸, Sílvio Romero, influenciado pelo livro de A. de Preville, *Les Sociétés Africaines; leur origine - leur évolution - leur avenir*, apresenta um esboço de classificação tendo como determinante o valor da planta útil predominante no local, quanto a sua condição alimentar, seu valor comercial e social, ou seja pela sua utilidade. Divide em: Zona seringueira; Zona da castanha e do assahy; Zona do bacory; Zona do piquy; Zona da carnauba mucunan; Zona das catingueiras, mangabeiras e imbuseiros; Zona do mangue; Zona do cajueiro e da pitangueira; Zona do cajueiro; Zona da mangueira; Zona das madeiras de lei; Zona do pinheiro; Zona do matte. Plantas aclimatadas utilissimas: Zona da canna de assucar; Zona do cacáo; Zona do café; Zona do arroz e Zona da mandioca.
- 42 Observa-se que em toda sua proposta "geográfica" há o empenho em encontrar soluções para as questões sociais do país. Se de um lado sua análise está contida no viés determinista ambientalista, por outro, ressalta-se o papel do intelectual político que pensa o meio a partir de uma perspectiva de mudança.

Uma "geografia" na perspectiva do compromisso social

- 43 A angústia de Sílvio Romero se traduzia na pregação da crítica, na sua "agitação turbilhonar." Ao se propor elaborar uma "Geografia social" do Brasil, seu objetivo era encontrar soluções para por fim ao "pessimismo" do povo brasileiro, através de um projeto de redefinição da identidade nacional, casando a tipologia da escola de Le Play e o darwinismo social de Spencer. Ao sobrepor o pensamento de Spencer ao de Comte¹⁹, por acreditar que Spencer representava tudo quanto poderia haver de "antitético à mortificação comtesta,"²⁰ acredita estar propondo o mais moderno dos métodos de análise - a incorporação de valores modernos ao sistema social brasileiro sem abandonar ideologias tradicionais. A sua visão simultânea do verso e reverso, como identifica-o Paulo Arantes (1992), o faz contrapor-se ao positivismo a partir do próprio espírito positivo. Na concepção de Cândido, a contradição era seu modo de pensar, em um movimento "circular que gira incessantemente sobre si mesmo e progride, parecendo permanecer" (CANDIDO, 1989: 100).
- 44 Sua Geografia Social está definida no círculo da raça - meio - história. Contudo como observa Lia Osório Machado:
- "Se podemos atribuir a Sílvio Romero a introdução formal nos círculos intelectuais da noção de 'geografia social', ele não estava sozinho na busca por teorias ambientais que pudessem conter o fluxo de teorias racistas trazidas pela onda de cientismo e doutrinas do progresso que aportavam no Brasil na passagem do século" (MACHADO, 1999:7).
- 45 Propor a raça e o meio como condições de interpretação do caráter nacional era introduzir na dimensão natural um esforço de explicação -aceitar as desigualdades das raças era ser científico - é preciso observar porém que, na obra de Romero, não está explícita a pretensão da defesa da superioridade de uma raça, mas sim da fraternização das raças, através da difusão cultural - aculturação, propondo o cruzamento como condição de civilização, pela "elevação de raças inferiores." Na sua dialética de opostos sobrepõe o direito da "raça inferior" ao da raça superior e desta forma não subscreve um discurso de defesa de uma raça superior, mas o direito de igualdade de superação. Em um jogo de espelho, o reflexo que vê é a negação do que pretende espelhar.
- 46 Para Cândido (1989), a indagação de Sílvio Romero a partir da raça era em si mesma infrutífera, uma vez que a raça não explica nada, mas o seu interesse por ela permitiu uma reflexão ampla e valiosa sobre a literatura do Brasil e sobre o Brasil enquanto produtor de literatura, "todo crítico precisa propor o problema da estrutura, mesmo que ela não o leve a descobrir o que deseja", naquele tempo todo crítico deveria fazê-lo para ser digno do nome.
- 47 Sua ambigüidade é marcada pela condição de intelectual brasileiro que proclama o novo, um intelectual universalista que pensa e atua em nome do povo, da pátria, da nação. O intelectual universalista toma partido de uma classe, mas não reconhece o vínculo entre sua reflexão e interesses sociais particulares, acredita serem independentes, autônomos (VENTURA, 1991).
- 48 Ao privilegiar o papel do intelectual no processo de formação política do país, Antonio Gramsci (1979), salienta a importância do olhar para fora. Para este autor, a participação do intelectual deve ser entendida não apenas por suas atividades, mas no conjunto do

sistema das relações sociais que estas estão inseridas. Neste sentido concebe-se que, em um contexto dominado pela obsessão biológica, com suas incoerências e recuos, Sílvio Romero teve a expectativa de mudança no “mito da modernidade”, ajustado na ideologia do desenvolvimento²¹. De acordo com a crença do progresso necessário e indefinido o passado é visto como condição de atraso, o que está em descompasso com a ordem existente, e o futuro é o símbolo iluminista. Futuro que se desnuda na valorização da iniciativa privada.

- 49 Para Antônio Cândido, embora Sílvio Romero defenda suas idéias científicas por intermédio da razão de ser do nexos causal, ele não pode ser identificado como um determinista, mas como aquele que aponta para a possibilidade de mudança. A crítica ao estado mental do povo brasileiro é um convite a sua libertação, daquele que defende o pensamento de que o homem pode agir com relativa liberdade dentro do determinismo histórico. A condição do possibilismo "fez dele o mais livre dos críticos deterministas" (CANDIDO, 1988: 100).
- 50 Buscou Sílvio Romero possibilidades de mudanças até mesmo na afirmativa da negação de uma vontade. O que importava para o autor era a tentativa de encontrar respostas para sua angústia pessimista. Suas diversas classificações "geográficas" surgem da constante tentativa de entender o homem/povo brasileiro. Classificações sedimentadas na visão positivista em que a relação homem e meio é observada na rigidez do espaço, priorizando as categorias solo e clima como definidoras de uma "paisagem", o que o aproxima da perspectiva do liberalismo econômico inglês e, conseqüentemente, da defesa da propriedade do solo e da crença na redenção pela opção da família particularista como "gênero de vida", e o afasta da proposta da geografia social de Elisée Reclus. De acordo com Reclus, o conceito de raça não deve ser visto como resultado de uma simples classificação de ordem metódica, resultado de épocas próximas, mas como produto de fenômenos múltiplos, meios anteriores que se multiplicam ao infinito desde a sua origem, ação sucessiva dos ambientes em tempos diversos. "O próprio desenvolvimento das nações implica essa transformação do meio: o tempo modifica continuamente o espaço" (RECLUS, 1985:60).
- 51 Talvez possamos acatar a posição de ORTIZ (1985), ao relacionar o pensamento dos precursores das Ciências Sociais ao fenômeno do sincretismo religioso, uma vez que na lógica deste pensamento escolhe-se entre os diferentes objetos a serem sincretizados, as teorias disponíveis; selecionando-se os elementos considerados pertinentes. Deste modo, como afirmamos anteriormente, ao escolher um elemento do pensamento de Le Play, por apresentar algo em comum com as teorias já utilizadas, ajustando-o ao estudo da sociedade, por estar na moda, não o submete à crítica da realidade brasileira, ignorando a outra parte por entrar em contradição com esta realidade.²²
- 52 As contradições que advêm desta lógica implicam em situá-lo entre os intelectuais, daquele momento histórico, coniventes ao próprio interesse do Estado. Porém é preciso observar as constâncias, embora inconsistentes, dos seus discursos, nas suas incontestáveis e acirradas observações críticas ao poder. Acreditamos que, mesmo que o situemos na organicidade deste próprio poder, não se pode negar a importância para o pensamento geográfico no Brasil deste relacionamento com o pensamento dos precursores das Ciências Sociais. Nossa intenção é observar o pensamento de Sílvio Romero na dimensão da História do Pensamento Geográfico, com o olhar sobretudo da crítica, mas sem perder o olhar do signo do diferente na trajetória de um pensamento, de uma idéia de quem olhou no interior do Zeitgeist.

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Paulo Eduardo (1992). Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antônio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BERDOULAY, Vincent. (1981). La Formation de L' École Française de Géographie (1870 - 1914). Paris, Bibliothèque Nationale.
- BROC, Numa. (1974). "L'établissement de la géographie en France: diffusion, institutions, projets (1870 - 1890) in Annales de Géographie, sept - octobre, - 83 année.
- CANDIDO, Antonio. (1988). O Método Crítico de Sílvio Romero. Série Passado & Presente/ Teses. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
-(1989). A Educação pela Noite e outros ensaios. São Paulo, Ática.
- CAPEL, Horacio. (1981). Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea. Barcelona, Barcanova.
- CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. (1998). "Pensar a Geografia na virada do Século", in Revista GEOSP, São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, n. 4
- COMTE, Auguste. (1983). Discurso Preliminar sobre o conjunto do positivismo. Coleção Os Pensadores, seleção de textos de José Arthur Giannotti. São Paulo, Abril Cultural.
- FEBVRE, Lucien. (1925). La Tierra y la Evolución Humana. Trad. Luís Pericot Garcia. Barcelona, Editorial Cervantes.
- FERNANDES, Florestan. (1972). Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica, São Paulo, cia. Editora Nacional.
- GRAMSCI, Antonio. (1979). Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Trad. Carlos Nelson Coutinho, in Coleção Perspectivas do Homem, vol, 48, Série Filosofia.
- MACHADO, Lia Osório. (1995). "Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)" in CASTRO, I. E. et al Geografia: Conceitos e Temas . Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
-(1999). "As Idéias no Lugar. O Desenvolvimento do Pensamento Geográfico no Brasil no Início do Século XX". Texto mimeografado apresentado no I Encontro Nacional de História do Pensamento geográfico. Rio Claro/SP.
- NEDELL, Jeffrey (1993). Belle Époque Tropical. Tradução, Celso Nogueira, São Paulo, Companhia das Letras.
- ORLANDO, Arthur . (1911). "Zonas Geographicas Brasileiras". in Revista do IHG de São Paulo, vol. XIII, São Paulo, Typografia do Diário Oficial, 1908.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (1990). "Modernidade e Questão Social". in Revista Lua Nova, n. 20, São Paulo, maio.
- ORTIZ, Renato.(1990). "Advento da Modernidade?" in Revista Lua Nova, n. 20, São Paulo, maio.
- (1985). Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo, Brasiliense.
- RAMOS, Guerreiro. (1995). Introdução Crítica à Sociologia Brasileira, Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

RATZEL, Friedrich. (1990). Geografia do Homem (Antropogeografia). in MORAES, Antonio Carlos Robert (Org.). Ratzel. São Paulo, Ática.

_____ (1990). As Raças Humanas. in MORAES, Antonio Carlos Robert (Org.). Ratzel. São Paulo, Ática.

RECLUS, Élisée. (1985). A Natureza da Geografia. in ANDRADE, Manuel Correia de. (Org). Elisée Reclus. São Paulo, Ática.

ROMERO, Sílvia. (1908). "O Brasil Social". in Revista do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo LXIX, Parte II, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

_____ (1910). Provocações e Debates (Contribuições para o estudo do Brasil Social), Porto, Livraria Chardron.

_____ (1960). "O Brasil social e os elementos que o plasmaram" in História da Literatura Brasileira, tomo primeiro, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 6ª edição.

SCHWARCZ, Lília Moritz. (1995). O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930, São Paulo: Cia das Letras.

SCHWARZ, Roberto. (1987). Que Horas São?: Ensaio. São Paulo, Companhia das Letras.

_____ (1992). Ao Vencedor as Batatas. São Paulo, Duas Cidades.

SKIDMORE, Thomas E. (1976). Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro, trad. de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2a.

VENTURA, Roberto. (1991) Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil 1870-1914, São Paulo, Companhia das Letras.

NOTAS

1. Ver de Horacio Capel: Filosofía y en Ciencia en la Geografía Contemporánea, sobretudo a segunda parte La Institucionalización de la geografía en el siglo XIX, Barcelona: Barcanova, 1981 (Temas Universitários).
2. Nos Congressos de geografia a etnologia tinha entidade própria, no Brasil seguia-se o mesmo modelo, desde o I. Congresso Brasileiro de Geografia entre 07 a 16 de setembro de 1909. O Congresso foi dividido em 12 seções, tendo sido a VIII sessão a de Antropologia e Etnografia.
3. G. RAMOS (1995) classifica seu pensamento como um simetrismo (por adotar o que havia de mais avançado nos centros europeus) e como um sincretismo (conciliação de doutrinas: a teoria evolucionista de Herbert Spencer, a lei dos três estados de Auguste Comte, teoria monolinear do progresso humano - as categorias de organismo e de história).
4. Ver de Lúcia Lippi Oliveira: Modernidade e Questão Nacional (1990). Neste artigo, Oliveira propõe-se a refletir a Questão Nacional com o objetivo de entender a permanência, até os dias de hoje do significado de "nação" como unidade simbólica capaz de unificar e fornecer sentimentos de 'pertencimento', de permitir a identidade coletiva de uma população" (1990:41) em plena era da internacionalização do mercado da indústria cultural.
5. Em seu livro Zeveryssimações Ineptas da Crítica, Porto, 1909: 126, Sílvia Romero procura afirmar-se como autodidata, negando uma possível influência intelectual dos seus professores do Curso Jurídico de Recife e apresentando a relação dos seus "verdadeiros mestres".
6. Emile Levasseur teve grande destaque e consequente influência nas mudanças do ensino da geografia. Professor do Collège de France, foi chamado por suas críticas ao sistema de ensino francês, em 1872, por Jules Simon, então Ministro de Instrução Pública, para propor uma reforma

do ensino da geografia e redigir os novos programas. Segundo Numa Broc, "Levasseur contribuera plus que tout autre à fournir aux maîtres l'outil pédagogique qui leur manque: par ses collections de manuels, ses atlas, ses cartes murales, il jouera jusqu'à la fin de sa carrière un rôle essentiel dans la modernisation de l'enseignement géographique" (BROC, Numa, 1974: 549).

7. Os discípulos de Le Play são considerados conservadores por definirem a família como o elemento básico da sociedade. Enquanto Durkheim e Vidal, por exemplo, eram considerados liberais de esquerda por concentrarem suas pesquisas sobre outras unidades sociais. Vidal de La Blache foi acusado de seguir o modelo da geografia alemã de Ratzel, preferindo-lhe aos trabalhos dos discípulos de Le Play (seus conterrâneos). Os vidalianos inspiravam-se nas idéias alemãs, considerando as outras pesquisas fora do campo geográfico.

8. Embora tivesse profundas divergências com as idéias de Demolins, Elisée Reclus tece-lhe elogios.

9. Do sistema de Le Play permanecem: o método de observação; a importância da coesão da família e o estudo monográfico. As monografias regionais de Le Play assemelham-se às dos geógrafos franceses visto que as duas utilizam o método indutivo.

10. "Desta escola não aceito as idéias catholiques dum ou doutro de seus membros. Sigo os processos, as idéias economicas, sociaes e políticas" (ROMERO, 1910:189).

11. Ortiz explicita já naquele momento a presença de trabalhos de Franz Boas onde "a noção de raça cede lugar à noção de cultura" (ORTIZ, 1985:29).

12. Auguste Comte retira o caráter natural do milieu e introduz o conceito de raça como influência externa ao lado do solo e o clima.

13. Para Sílvio Romero, os livros de E. Demolins devem ser lidos na seguinte ordem: Les Grandes Routes des Peuples (Essai de geographia sociale), Les Routes de L'Antiquité; Les Routes du Monde Moderne; Les Français d'aujourd' hui ; A quoi tient la superiorité; des Anglo-Saxons? ; A-t-on intérêt à s'emparer du Pouvoir? ; L'Education Nouvelle; L'Avenir de l'Education Nouvelle; L'Etat actuel de la science sociale; La nécessité d'un programme sociale et d'un nouveau classement des partis.

14. O estudo de S. Romero sobre Sergipe foi feito em atenção ao pedido de um conterrâneo (sergipano) José Oiticica, segundo a sugestão da revista La Science Sociale, de se fazer uma enquête social sobre os países conforme aplicação da doutrina de E. Demolins. Aplicando o mesmo método de Demolins para Sergipe, propõe a divisão da província de Sergipe em "dez ou doze zonas ou regiões diversas." Ver texto: "A Escola de Le Play no Brasil" - (Carta ao Ilmo. Sr Dr. José Oiticica), in ROMERO, 1910.

15. Diferentemente de Sílvio Romero, Arthur Orlando não assume a escola de Le Play ou de E. Demolins, para ele a família não constitui um núcleo central de estudos, é a história que define o tipo humano, apenas pelo caminho da sociologia era possível o conhecimento das instituições políticas.

16. Na concepção do grupo de Levasseur, a família é colocada como questão central por ser considerada a base da sociedade, uma vez que além da sua função natural, de garantir a continuidade das gerações futuras, é estudada historicamente (passado e presente).

17. Sobre as diferentes interpretações (republicanos e monarquistas) após República, é muito rico o estudo de Emília Viotti da Costa: "Sobre as Origens da República", in Anais do Museu Paulista, tomo XVIII, São Paulo, 1964.

18. Sobre o livro de A. de Preville (discípulo de Le Play), Sílvio Romero em seu artigo Brazil Social (1908) faz um detalhado resumo do seu estudo sobre o continente africano, considerando um estudo de caráter "estritamente nacional". Quanto a classificação enviada por Sílvio a Arthur Orlando, encontra-se no artigo deste último sobre as Zonas Geográficas in revista IHG de São Paulo, publicada em 1911.

19. "entre o positivismo e o spencerianismo existem semelhanças conceituais, em geral pouco reconhecidas. O anti-estatismo, por exemplo, que ajudou Spencer à defender seu pleito a favor do

individualismo, também pode ser lido como a necessidade de uma orientação autoritária e mesmo coercitiva do corpo social" (SCHLANGER: 167 in MACHADO, 1999: 7)

20. Para a análise de Sílvio Romero sobre Spencer versus Comte, ver seu livro: *Obra Filosófica*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Olympio, (Col. Documentos Brasileiros, 139).

21. Renato Ortiz, em seu artigo "Advento da modernidade" lança reflexões sobre a concepção do "mito da modernidade". Na sua análise modernidade, modernismo, modernização são temas que sempre estiveram relacionados à questão nacional, e que apresentam a mesma concepção do mito da modernidade já assumido por Sílvio Romero. Passado e presente são condições dicotômicas que se opõem, mas que tem como significado a possibilidade da superação - o futuro que irá advir pelo desenvolvimento resultante da técnica. Ortiz, considera que a ideologia isebiana, dos intelectuais dos anos 50, tem o mesmo significado da ideologia do desenvolvimento defendida nos projetos nacionalistas do final do século XIX. Embora os projetos nacionalistas (os racistas de Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha; modernistas nos anos vinte; autoritários durante o Estado Novo; desenvolvimentistas na década de 50) tenham variado ao longo de história " ... todos tinham uma preocupação básica: a construção de uma identidade brasileira que nos colocasse em compasso com o ritmo das sociedades européias" (ORTIZ, 1990: 20: 29).

22. "Sílvio Romero não submete, porém, o pensamento de Le Play à uma crítica fundamentada na realidade, sequer procura refutar essas 'novas' teorias francesas, simplesmente coloca a questão em termos brasileiros. Na medida em que o Brasil não possui uma raça unitária (postulado aceito por todos) tem-se que o fator étnico é dominante, o que equivale a dizer que somente no futuro poderíamos ser uma 'raça histórica' " (ORTIZ, 1985: 32).

AUTOR

ALEXANDRINA LUZ CONCEIÇÃO

Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. aluz@infonet.com.br